

EXPEDIENTE

Coordenação

Bruno F. Leite
Flora Sineiro

Divulgação e diagramação

Alessandra Perez
Flora Sineiro

Revisão

Profa. Rosale de M. Souza
Prof. João Marcus F. Assis

Colunista

Fernanda Blanco

Chargista

João Anderson

EDITORIAL

Registrar é uma ação que carrega, querendo ou não, intencionalidade(s) e objetivo(s). Sendo assim, podemos dizer que as colaborações que recebemos para compor cada edição do *Inspiração Miscelânea* carrega uma intenção de quem a produz. Porém, sem entrar no mérito de cada uma dessas intenções, pode-se dizer que todas, querendo ou não, vêm ajudando ao IM a realizar seus objetivos fundadores: ser um jornal informativo, descontraído, relevante dentro da área arquivística e, principalmente, colaborativo. Acho que estamos conseguindo, e muito do que temos alcançado quanto aos nossos objetivos, é graças aos nossos colaboradores.

Nesta edição de agosto, após um mês de férias da Equipe do Jornal, voltamos com mais novidades para você. Uma delas é o resultado da nossa 1ª Pesquisa de Opinião realizada pela Equipe do IM, escrita por Bruno F. Leite (7º

P./Arquivologia/UNIRIO) e realizada com o apoio da Equipe do IM.

Nesta edição, contamos também com as seguintes contribuições: “Um Diálogo entre Arquivologia e Educação: O(s) Arquivos(s) Como Instrumento Pedagógico”, da Profa. Priscila Ribeiro Gomes (DEPA/UNIRIO); “Para que servem os congressos?”, de Chica Blanco (7º P./Arquivologia/UNIRIO); “Homenagem Póstuma ao Prof. Luis Carlos Lopes”, da Profa. Rosale de Mattos Souza (DEPA/UNIRIO).

Ainda, na nossa Seção Rapidinhas, um texto sobre a 1ª CONSOCIAL, saiba o que é e participe!

Boa leitura e não se esqueça de acessar nosso site: <http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Linha editorial:

1) Nosso jornal é um espaço que não tem vinculação com política partidária, de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no mínimo, tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que acusações ou críticas diretas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou opiniões de outros autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e/ou demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos/autores, buscamos apenas dar um norte aos textos e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo – assim como nossos colaboradores –, serão os discentes, docentes e os formados do nosso curso;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, informativa, reflexiva, crítica.

Obs.: As ideias expostas nos textos são de responsabilidade de seus respectivos autores.

A Equipe.

UM DIÁLOGO ENTRE ARQUIVOLOGIA E EDUCAÇÃO: O(s) ARQUIVO(S) COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

**Por Profa. Priscila Ribeiro Gomes*

O presente trabalho, que ainda encontra-se em fase de desenvolvimento, é fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido na UNIRIO¹, e também de alguns apontamentos surgidos com a minha entrada no doutorado.

Debruçando-nos sobre as duas áreas – Arquivologia e Educação, percebemos o quanto o conceito de interdisciplinaridade² se faz fundamental, nos permitindo um diálogo profícuo entre os dois campos de conhecimento.

Desta forma, este estudo propõe como objetivo principal uma reflexão acerca da importância do(s) Arquivo(s) enquanto instrumento metodológico das práticas pedagógicas.

É importante esclarecer que, quando nos reportamos a Arquivo(s) no plural, estamos, neste caso, tentando ressaltar a relevância do Arquivo, enquanto Instituição, seja pública ou privada, e também do Arquivo existente na escola, ou seja, o Arquivo Escolar³, muitas vezes invisibilizado pelos sujeitos que compartilham o cotidiano escolar e até mesmo pelos profissionais que atuam na área de Arquivologia. De acordo com Menezes, Silva e Teixeira (2005) quando lidamos com arquivos escolares percebemos que o descaso ainda é muito acentuado, não sendo considerada a riqueza do patrimônio documental existente nestes arquivos, bem como os ganhos em conhecimento para a escola, seu projeto pedagógico, suas práticas educativas e para a memória da evolução do ensino

de modo a contribuir para a historiografia educacional. Martins (2008) complementa que é necessário ampliarmos os debates sobre memória, cultura e configuração dos sujeitos, reiterando as facetas de uma educação pela memória.

Sendo assim, este trabalho busca apresentar aos leitores uma breve síntese das principais ideias do projeto de pesquisa que vem sendo realizada na UNIRIO.

Destacamos que para dar início a investigação, se faz importante, primeiramente, um entendimento sobre a noção de Patrimônio, pois quando propomos educar nos/com os Arquivos, estamos falando em educação patrimonial, algo pouco discutido não só no espaço escolar, mas também no acadêmico.

Segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.6), a Educação Patrimonial consiste em:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Nossa intenção inicial é investigar o que os sujeitos da escola – equipe pedagógica, professores e alunos, entendem sobre Arquivo. Buscamos, com isso, problematizar a relação Arquivo e Escola, concebendo o primeiro como um instrumento potencial nos processos de ensino e aprendizagem.

Inserido (ou pelo menos deveria) no tema educação patrimonial, faz-se importantes reflexões acerca de sua presença nos projetos político-pedagógicos, não apenas na formação básica, mas principalmente na formação de professores, já que compõem o rol de agentes principais responsáveis pelo ato de ensinar.

¹ Projeto intitulado “Arquivo e Escola: Reflexões sobre a contribuição da Educação Patrimonial na tessitura do conhecimento”, vinculado ao Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos (DEPA) da UNIRIO.

² Olga Pombo (1994) define a interdisciplinaridade como combinação entre duas ou mais disciplinas, com vistas à compreensão de um objecto, a partir da confluência de pontos de vista diferentes, e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum.

³ [os arquivos escolares são] sedes privilegiadas de uma multiplicidade de ações humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afetivas, produto de um cotidiano sempre reinventado, da instituição educativa não resta por vezes mais que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo e pouco representativo, nomeadamente no que se refere à riqueza do cotidiano escolar. (Justino de Magalhães, 1998, *apud* Gonçalves, 2005, p. 4).

Dentre as carências ou podemos chamar de pedagogia das ausências, conforme enfatiza Santos (2003), existentes em qualquer campo do saber, destacar-se que em nosso caso, na Arquivologia, principalmente, no Brasil, carecemos ainda de estudos que venham somar na busca por um diálogo mais consistente quando o assunto é educar nos/com os Arquivos.

Deste modo, concordo com as palavras de Vidal (2005) ao salientar o Arquivo como mais uma possibilidade para o exercício da prática pedagógica, destacando que para isso é indispensável um alargamento da noção de documentos arquivísticos na educação, de modo a contribuir para a produção de conhecimento.

Desta forma, elegemos, inicialmente, trabalhar com escolas da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Optou-se pela entrevista como técnica, por oferecer a possibilidade das pessoas que serão pesquisadas – professores, alunos, arquivistas e agentes do poder público - exporem suas idéias, suas necessidades, suas aflições e angústias, que segundo Thiollent (1998, p.29) tem a finalidade de “oferecer ao pesquisador melhor condição de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do ‘material qualitativo’ gerado na situação investigativa”.

Essa escolha deu-se, pois, segundo Minayo (2004, p. 53):

[...] precisamos nos aproximar mais da idéia de campo que pretendemos explicitar. Num primeiro momento, realizar um trabalho de campo pode nos reportar a uma fantasia um tanto quanto exótica. Pode nos fazer relembrar estudiosos que partiam para regiões distantes em busca de culturas diferentes, para um árduo trabalho de compreensão dos distintos modos de vida desses povos. Essa percepção representa uma das possíveis dimensões da ida ao campo, uma vez que as possibilidades e os limites das diversas realidades existentes no cotidiano social permitem ao pesquisador um infinito leque de procedimentos e descobertas.

Portanto, estas observações iniciais são indispensáveis, pois nos permitem uma aproximação com o problema pesquisado, e ainda oferece a

possibilidade de aproximação com novas questões que venham a surgir no decorrer da pesquisa.

Certos de que ainda temos um longo percurso pela frente, entendemos que se faz fundamental em qualquer campo de conhecimento um olhar interdisciplinar sobre os saberes e fazeres que integram a complexidade do objeto pesquisado, o que nos permite uma maior ampliação da compreensão, nos revelando novos caminhos para tratarmos o processo de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. *Arquivos históricos escolares: contribuições para o ensino de história e a história local*. Santa Catarina, 2005. Disponível em: http://www.educacao.ufpr.br/lab_nucleo_e_centro/gde_historia. Acesso: 20 mar. 2009.

HORTA, M. L. P.; GRÜNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

MARTINS, Maria do Carmo. Memória, História e Educação (apresentação). *Cadernos do CEOM*. Ano 21, n. 28, 2008.

MENEZES, Maria; SILVA, Eva; TEIXEIRA, Oscar. O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história. *Horizontes*. v. 23, n. 1, jan./jun. 2005

MINAYO, M. C. *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: LEVY, T.; GUIMARÃES, H.; POMBO, O. *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. 2. ed. Rev. e aum., Lisboa: Texto, 1994. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: Santos, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2003.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VIDAL, D. G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2005.

**Por Profa. Priscila Ribeiro Gomes
DEPA/CCH/UNIRIO*

HOMENAGEM PÓSTUMA AO PROF. LUIS CARLOS LOPES

**Por Profa. Rosale de Mattos Souza*

Soube do falecimento do prof. Luis Carlos Lopes, em abril último, na Espanha, através do site da Associação Brasileira de Arquivistas – ABARQ, em junho de 2011. O prof. Lopes foi historiador, escritor, professor de Arquivologia e Ciência da Informação, com Doutorado em História Social, pela Universidade de São Paulo – USP (1992), Pós-Doutorado em Ciências da Informação (Arquivística), na Universidade de Montreal, Canadá, (1997-1998), e em Comunicação, na Universidade Paris 1 (Sorbonne, 2003 -2004). Nos últimos 12 anos encontrava-se no Departamento de Comunicação, do Instituto de Artes e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense - UFF, e vinha se dedicando às Teorias da Comunicação.

O fato desta perda me causou perplexidade, e acredito que a todos que o conheceram, pois foi um acontecimento para o qual a classe arquivística não estava preparada. Houve da parte dos nossos pares uma sensação de algo surreal, que necessitava de confirmação oficial. Professor e teórico voltado para as reflexões da nossa área, com posições algumas vezes extravagantes, sinalizando a quebra de paradigmas da arquivística contemporânea no Brasil. O mesmo foi também um grande entusiasta da linha Canadense da Arquivística, ou seja, da Arquivística Integrada, revalorizando o Ciclo documental e as três idades documentais, estando afinado com as idéias de Carol Couture, Jean-Yves Rousseau, e Jacques Ducharme, tendo inclusive traduzido textos desses autores. Participou ainda como Professor de Pós-graduação, no Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense – UFF, além de ter realizado diversas consultorias na área de arquivo no país, destacando-se a consultoria

à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ.

O Prof. Lopes foi um homem e um acadêmico polêmico, gerou discípulos em Brasília, e colaborou para a criação do Curso de Arquivologia, do CID, Universidade de Brasília – UNB. Problematicizou questões fundamentais na Arquivologia, tais como, as famosas Massas Documentais Acumuladas, que ficaram mais conhecidas como MDAs, tentando sempre conscientizar aos profissionais e ao meio acadêmico sobre as questões inerentes aos problemas da produção, classificação, manutenção e destinação dos documentos de arquivo. Enquanto teórico o professor elaborou e publicou diversos livros e artigos da área, e ainda sobre a Teoria da Comunicação, sempre com interfaces com a Filosofia, a História, a Comunicação, e inclusive sobre a Ciência da Informação, contribuindo para a análise epistemológica, sua interdisciplinaridade, e as inquietações dos desafios das tecnologias da informação, sem transformá-la no único elemento balizador de seus artigos e da sua produção científica.

Não podemos deixar de mencionar um de seus textos mais emblemáticos: **Arquivópolis: Uma Utopia Pós-Moderna**. No referido artigo, fez um breve diagnóstico da situação dos arquivos no Brasil, mencionando que somente o governo federal no país havia acumulado cerca de 5 mil quilômetros de documentos, apresentando termos curiosos e até extravagantes como Arquivópolis, Documentolândia ou Judicilândia! Há algo de artístico, literário e até por que não dizer de ficção científica, no qual faz uma narrativa de uma megacidade “povoada” por documentos com cerca de 5 mil edifícios para armazená-los, que mesmo assim não dariam conta do problema das MDAs, apresentando como uma das soluções para o problema, o tratamento técnico dos arquivos correntes por profissionais capacitados. Outro tema que deu início à reflexão foi a idéia da classificação como matricial para todas as atividades arquivísticas, inclusive para organizar, avaliar, destinar e dar acesso aos documentos.

Num de seus últimos livros, denominado **“A Nova arquivística na modernização administrativa”** analisou o fenômeno da informação, comentando que a mesma é controvertida em seus conceitos, mencionando que somente (BELKIN apud LOPES, 2009) tem cerca de nove conceitos diferentes para a mesma, e que há a necessidade da adjetivação da palavra, pois sozinha não faz sentido. Por extensão, analisou-a do ponto de vista da Ciência da Informação, mas também da Arquivologia, pois nesta

última ela pode ser adjetivada como Informação Registrada, Informação Arquivística ou Informação Orgânica. No mesmo livro, analisou questões que são muito caras não só para a Arquivologia, mas para a Filosofia, que são os aspectos da memória e do conhecimento, que na opinião do autor são temas que ultrapassam as fronteiras de uma única área, se constituindo em assuntos de grande interesse para as Ciências Sociais e Humanas. A arquivologia brasileira perdeu um grande teórico, mas que deixou para a Arquivologia, os Arquivistas, para os alunos que foram seus discípulos, hoje profissionais bem colocados no mercado de trabalho, e para as futuras gerações de Arquivistas, que para a área avançar não se deve temer o rompimento com os “dogmas”, pois estes fazem parte da seara do discurso religioso e não do discurso científico. A Arquivologia deve se desprender do tecnicismo, ganhando à exemplo de outros campos do conhecimento ao problematizar e buscar soluções para as questões não somente do fazer, mas principalmente do pensar arquivístico, construindo para uma arquivística independente, como campo teórico de uma ciência, com seu objeto e metodologia da pesquisa bem definidos, fazendo com que a Arquivologia caminhe de forma segura, na direção de um campo do conhecimento científico.

Chamamos pelos Deuses da Arquivística para que o guardem em bom lugar.

Algumas das principais obras do Prof. Dr. Luis Carlos Lopes:

LOPES, Luís Carlos. Arquivópolis: Uma Utopia Pós-Moderna . **Ciência da Informação**. Brasília, 22(1): 41-43, jan./abr. 1993.

LOPES, Luís Carlos. **A gestão da informação:** as organizações, os arquivos e a informática aplicada. Rio de Janeiro: APERJ, 1997. 143 p. 1ª ed

_____. **A imagem e a sombra da arquivística**. Rio de Janeiro: APERJ, 1998. 110 p. 1ª ed

_____. **A informação e os arquivos:** teorias e práticas. Niterói; São Carlos: EdUFF; EdUFSCAR, 1996. 142 p. 1ª ed

_____. **A Nova arquivística na modernização administrativa**. Brasília: Projeto Editorial, 2009.

Rio de Janeiro, 09.08.2011

**Profª. Rosale de Mattos Souza*
DEPA/CCH/UNIRIO

PARA QUE SERVEM OS CONGRESSOS?

**Por Chica Blanco*

Um congresso é uma reunião, um encontro de representantes de determinada área de atividade para debater assuntos importantes sobre a área em questão. É um evento onde profissionais de determinada área se reúnem para ensinar e aprender. Entenderam? Agora eu posso começar...

Há dois anos eu participei do meu primeiro ENEARQ, que foi realizado na UnB, no ano de 2009, em Brasília. Olha, eu poderia falar desse congresso por horas a fio, mas a necessidade agora é outra, então eu basicamente quero contar o que aconteceu depois, quando as aulas recomeçaram.

Assim que voltamos, fui convidada para escrever um texto para um jornal de alunos de Arquivologia (que não é esse). Queria que eu falasse do congresso, tentasse descrever por meio de minha poesia e mente feliz a magnitude de tal evento. Pois é, me senti honrada (óbvio), então topei o desafio. Devo confessar que o texto mexeu comigo, que me emocionou de verdade, assim como a todos que chegaram a ler na época, mas, infelizmente a censura impediu que ele fosse publicado. E a questão é: Por qual motivo? Eu sei bem qual.

O fato (digo a palavra fato com total firmeza), é que houve realmente muito erro naquele evento, e a partir do início. Ainda que os estudantes tenham conseguido reverter a situação, ainda que todos tenham sido vitoriosos, não podemos negar os erros, nem tentar abafá-los. Fatos são fatos. E eu acabei expondo esse fato no texto, porque julguei que uma verdade conhecida por todos os estudantes do curso de Arquivologia do país, não iria surpreender os leitores do jornal (arquivistas e estudantes do curso). Mas a verdade dói e esse detalhe eu tinha esquecido.

Pois é, a verdade doeu, meu texto foi elogiado e rejeitado, então me pediram que o reescrevesse, ocultando esses pequenos detalhes verídicos. Eu recusei com doçura e preferi não me envolver mais nesses assuntos. Mas eu não fazia idéia do quanto essa desistência iria me abater. Eu fiquei realmente desestimulada e descrente após esse acontecimento,

porque eu cresci pensando que quando eu terminasse a escola e ingressasse em uma universidade, as coisas seriam mais claras, eu poderia ter um pouco de voz, os meus ideais poderiam ser um pouco mais respeitados, mas essa repreensão contrariou todas as minhas esperanças e expectativas. E foi aí que eu tive minha primeira decepção com o curso de Arquivologia.

Mas, hoje eu percebo que o problema não está na Arquivologia. Eu vivenciei uma situação parecida num outro curso e cada vez mais eu ouço pessoas de diversos cursos falarem o mesmo. E eu que achava que só na escola o estudante não poderia ter voz... Penso que enquanto estamos na escola, somos tratados meio que como animais domésticos e nossos pais, como os donos. Eles são os responsáveis, então tudo o que fizermos está ligado à educação (ou falta dela) que recebemos em casa. Mas acreditava numa evolução, numa libertação. Mas não. Na universidade nós somos tratados como órfãos.

Então a única forma de conseguirmos ser ouvidos é através de uma emancipação mental. E para que isso seja possível, não é preciso gritar, armar um escândalo, iniciar uma greve, nada disso. Precisamos apenas aprender a usar justamente a única coisa que podemos ter sem depender de ninguém: A inteligência. O conhecimento é a verdadeira chave para qualquer tipo de libertação, mas, o único problema é que o conhecimento é a verdade, então ele dói. A sabedoria é um caminho sem volta, ela só tende a aumentar e se expandir, a racionalidade sem as interrupções da alienação é como uma doença incurável. E quem não estiver disposto a suportar o fardo de ser consciente terá que se sujeitar a ser sempre um aluno do primário da vida. Sempre vão chamar seus pais e te dar bronca. Você não levará a culpa sozinho, mas será como um animalzinho que anima a família, pois até irão te escutar, mas ninguém irá te entender nunca.

**Por Chica Blanco*

7º Período de Arquivologia - UNIRIO

PESQUISA DE OPINIÃO REALIZADA PELA EQUIPE DO IM

Introdução

No primeiro semestre do ano de 2011, percebemos que seria relevante, de alguma forma,

tanto para nosso projeto quanto para nossos leitores, se passássemos a realizar pesquisas de opinião. Em vista disso, ainda no início de 2011, realizamos um levantamento de dados junto a quatro segmentos presentes na UNIRIO: discentes, técnicos administrativos, docentes e funcionários do quadro auxiliar (terceirizados).

Objetivo

Nosso objetivo foi dar início a um mapeamento das impressões das pessoas ligadas à UNIRIO sobre alguns aspectos referentes a ela. Nesta primeira pesquisa, buscamos identificar a opinião dos questionados quanto à infra-estrutura atual da universidade – assunto notoriamente relevante, pois influência, direta ou indiretamente, no ensino, nas pesquisas e nos projetos de extensão desta universidade.

Metodologia

Buscamos identificar os questionados fazendo com que os mesmos se declarassem como: 1) discentes; 2) técnicos administrativos; 3) docentes; e 4) funcionários do quadro auxiliar (terceirizados).

Em seguida, pedimos que escolhessem, dentre algumas opções, a que mais lhe incomodava no seu cotidiano dentro da universidade. A saber: 1) Banheiros sem manutenção; 2) Portas sem fechadura e/ou quebradas; 3) Quadros e cadeiras deterioradas; 4) Bebedouros com defeito; e 5) Outra coisa. Na opção número 5 (cinco), o questionado teve a possibilidade de explicitar por escrito algum problema não contemplado nas opções anteriores.

Ainda, aproveitando o instrumento de coleta de dados, questionamos sobre as opiniões quanto à construção do Bandejão/Restaurante Universitário e do prédio Anexo do Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH. Estas duas perguntas tiveram como objetivo saber dos questionados se eles confiavam que as respectivas obras teriam início ainda no ano de 2011.

Resultados

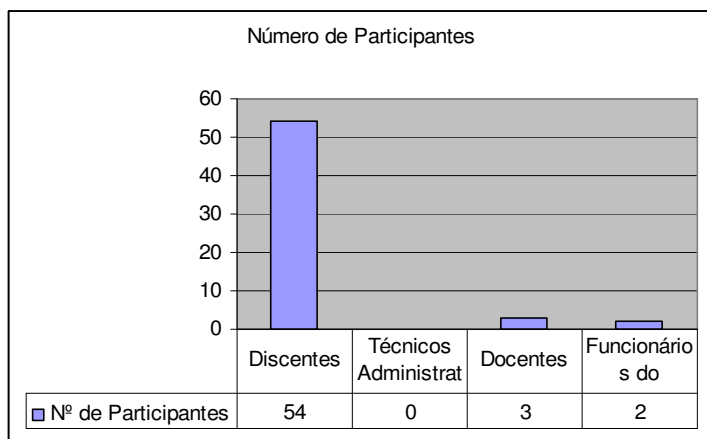
Quanto aos resultados, tivemos um universo de pesquisa correspondente a 60 (sessenta) questionários preenchidos, sendo que um destes foi descartado por não conter a marcação que identifica quem respondeu é discente, técnico administrativo, docente ou funcionário do quadro auxiliar (terceirizado).

Quanto aos 59 (cinquenta e nove) questionários válidos, iremos representar seus preenchimentos de forma quantitativa, a fim de avaliá-los na parte final deste artigo – a discussão dos resultados.

Fazemos apenas uma ressalva quanto à pesquisa: dentre os 59 (cinquenta e nove) questionários válidos, 19 (dezenove) foram preenchidos com mais de uma marcação para as opções referentes ao que mais lhes incomodava na infra-estrutura da UNIRIO. Entendemos que estes questionários são válidos, pois a marcação de mais de uma opção não seria motivo suficiente para desfigurar relevantemente os resultados alcançados com a pesquisa.

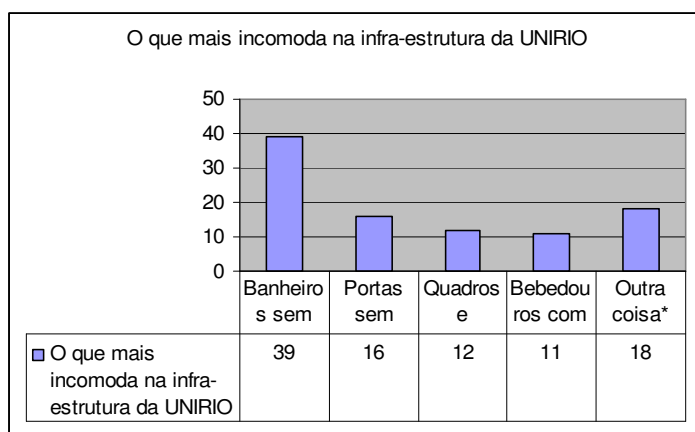
Discussão

Gráfico 1



Este primeiro gráfico explicita que predominantemente os discentes impeliram sobre os resultados da pesquisa. Não desprezado, é claro, a participação de outros segmentos. Mas a esses, conseguimos atingir em menor número.

Gráfico 2



Na leitura deste segundo gráfico fica claro que, dentre as opções por nós fornecidas, a infra-estrutura dos banheiros da universidade é a que mais incomoda às pessoas questionadas. O que não quer dizer que as outras deficiências infra-estruturais não carecem, também, de maior atenção por parte da administração da UNIRIO.

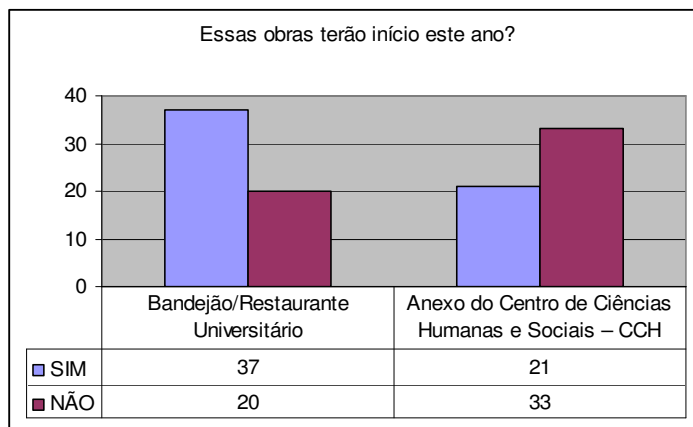
* Seguem as 18 (dezoito) opções criadas pelos questionados quanto a alguma precariedade infra-estrutural:

- 1) "Lâmpada caindo";
- 2) "A sujeira que os alunos fazem";
- 3) "Horários de atendimento da secretaria de arquivologia";
- 4) "Má iluminação do Campus";
- 5) "A falta de vagas (estacionamento)";
- 6) "Textos oriundos pela net";
- 7) "Falta de refeitório decente";
- 8) "Luminárias caindo";
- 9) "Estrutura Geral";
- 10) "Falta de segurança";
- 11) "SEM CANTINA, ELEVADOR LOUCO E XEROX LOTADA";
- 12) "Falta de recursos audiovisuais em sala de aula";
- 13) "Estrutura das salas: luzes, ventiladores...";
- 14) "SEM CANTINA!!!";
- 15) "Elevador com defeito";
- 16) "Falta de um lugar melhor para refeição";
- 17) "Falta de controle na entrada do estacionamento";
- 18) "LANCHONETE (OPÇÕES)".

Obs.: Respeitamos as frases escritas em caixa-alta e as transcrevemos como na origem.

Dentre as opções de "descontentamento", recebemos uma mensagem que chamou atenção. Resolvemos não contá-la, mas dar a ela a devida importância. No espaço reservado para escrever sobre o que podia incomodar o questionado, uma pessoa escreveu: "Poder estudar junto a essa montanha cheia de energia". Bem, esta mensagem não remete a um "descontentamento", e sim a um aspecto positivo ligado à UNIRIO. Portanto, estimulados pela mensagem citada acima, nossa próxima pesquisa provavelmente será sobre os aspectos positivos de se estudar na referida universidade.

Gráfico 3



Este último gráfico demonstra que os entrevistados acreditam no início das obras do Bandeirão/RU para este ano de 2011, mas não pensam o mesmo, em linhas gerais, quanto à construção do Anexo do CCH.

Em suma, acreditamos que o presente resultado de nossa pesquisa serve aos objetivos criadores do nosso jornal *Inspiração Miscelânea*, que é, primeiramente, ser uma construção coletiva visando uma melhoria comum, partindo, é claro, do “universo arquivístico”, o que não quer dizer que não possamos interferir em outras áreas, em outros contextos.

Além de realizar alguns dos objetivos fundadores do IM, esta pesquisa demonstra-se, acreditamos, como um resultado de nosso aprendizado científico e humano, o qual se teve o privilégio de adquirir junto à universidade objeto desta pesquisa. Sendo assim, pensamos estar colaborando com ela da melhor forma que podemos fazer hoje.

Por fim, gostaríamos que este artigo chegasse às mãos dos interessados em colaborar para as melhorias almejadas para essa universidade que aprendemos tanto a gostar.

Agradecemos aos colaboradores e lhes dedicamos este texto.

Continuem colaborando com o IM, enviando textos e sugestões para o e-mail no fim deste jornal.

**Por Bruno F. Leite*

*Pesquisa realizada junto à Equipe do jornal
Inspiração Miscelânea*

1ª CONSOCIAL... SAIBA O QUE É E PARTICIPE!

- O que é?

A 1ª Conferência Nacional sobre Transparência e Controle Social (1ª Consocial) tem o objetivo principal de promover a transparência pública e estimular a participação da sociedade no acompanhamento da gestão pública, contribuindo para um controle social mais efetivo e democrático que garanta o uso correto e eficiente do dinheiro público.

- Quais os objetivos e limites de atuação da Conferência?

O encontro deverá ter como objeto a própria atividade governamental de promoção da transparência pública e de suporte ao controle social e suas especificidades.

A transparência pública remete à clareza do funcionamento das instituições públicas, seus resultados e respectivos meios utilizados para alcançá-los. O termo transparência está associado ao exercício do poder público de forma clara e compreensível aos cidadãos. Em todos os níveis de governo, o cidadão possui direito ao pleno conhecimento dos atos do Poder Público.

O controle social é atividade intermediária necessária à efetiva fiscalização do uso dos recursos públicos. Entretanto, para fins metodológicos, ele será entendido como a atividade de promoção e incentivo à participação popular no controle da gestão pública, e não como o controle específico de uma ou mais políticas públicas.

Quanto ao caráter propositivo da conferência, pretende-se que as diretrizes subsidiem a elaboração de um Plano Nacional sobre Transparência e Controle Social para os órgãos da Administração Pública e orientadoras da atividade no seio da sociedade.

- Quais as temáticas abordadas?

Os Eixos Temáticos são objeto de deliberação da Comissão Organizadora e estão definidos no Regimento Interno da Conferência.

Existe uma vinculação entre os Eixos Temáticos e os Textos-Base da 1ª Consocial. Os participantes, em todas as etapas, devem debatê-los

e tomá-los como base para elaboração de todas as propostas e diretrizes.

São eles:

- 1 - Promoção da transparência pública e acesso à informação e dados públicos;
- 2 - Mecanismos de controle social, engajamento e capacitação da sociedade para o controle da gestão pública;
- 3 - A atuação dos conselhos de políticas públicas como instâncias de controle; e
- 4 - Diretrizes para a prevenção e o combate à corrupção.

Acesse o sitio sobre a Conferência e saiba como participar:

<http://www.cgu.gov.br/consocial/index.asp>

Fonte:

<http://www.cgu.gov.br/consocial/index.asp>

MONOGRAFIAS, SAIAM DAS GAVETAS!

Sem enrolar: estamos convidando a TODOS! que estão concluindo ou concluíram o curso recentemente a nos enviar um artigo, de no máximo duas laudas, sobre o assunto tratado em suas monografias.

Portanto, contribuam com o nosso jornal e exponham suas monografias aos leitores da área de Arquivologia. Vamos lá, participe!

INTERAÇÃO COM O LEITOR

Mande sua mensagem, crítica ou sugestão para o e-mail:

inspiracaom@gmail.com

Obs.: Este espaço é destinado a textos curtos. Caso queira nos enviar um artigo, crônica, poesia, etc. leia antes a nossa linha editorial no site:

<http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Aguardamos a sua participação!



**Calouros,
sejam bem
vindos !!!!**

Homenagem póstuma ao
Prof. Luis Carlos Lopes

**BEM VINDOS À
ARQUIVÓPOLIS!**

